



O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO EDUARDO MARCUZZO COMO ESPAÇO DA MEMÓRIA

THE MUSEUM OF THE ITALIAN IMMIGRANT EDUARDO MARCUZZO AS MEMORY'S SPACE

Jorge Vinicius Quevedo da Cruz*

Resumo: O papel dos museus como espaço da memória tem fortalecido a identidade cultural dos grupos. Nisso, damos destaque a criação do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, localizado em Vale Vêneto, comunidade da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado do Rio Grande do Sul. A criação desse museu contribui para reforçar e atualizar os laços identitários entre os descendentes de imigrantes italianos. O museu, aqui é compreendido, como um lugar onde se constroem memórias, através de lembranças deixadas por objetos e pelas histórias de pessoas.

Palavras-chave: Patrimônio, Memória, Vale Vêneto.

Abstract: The role of museums as space of the memory has strengthened the cultural identity of the groups. In it, we highlight the creation of the Museum of Italian Immigrant Eduardo Marcuzzo, located in Vale Vêneto, community of the Fourth Colony of Italian Immigration of the State of Rio Grande do Sul. The creation of this museum contributes to strengthening and updating the identity bonds between the descendants of italian immigrants. The museum, here is understood as a place where they build memories, through memories left by objects and by stories of people.

Keywords: Patrimony, Memory, Vale Vêneto.

* Licenciado em História pela Universidade Franciscana. Especialização em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pelo Centro Universitário Claretiano. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jorgequevedo3@hotmail.com



O processo migratório envolveu a emigração de milhares de italianos para o Brasil no final do século XIX e se constituiu em uma oportunidade para os emigrados em termos sociais, econômicos e religiosos. Nesse contexto, a viagem transoceânica pode ser compreendida como um trauma da emigração (BENEDUZI, 2007). A partida da Itália representando uma ruptura e a chegada ao território brasileiro representando o sonho de “Fazer a América”.

Para Amador (2007), o fato de deixar a terra natal com poucos objetos pessoais na bagagem, trouxe aos imigrantes italianos uma grande dificuldade de preservação da memória, representado pelos bens materiais dos mesmos. Sendo a memória um elemento de preservação da identidade cultural, ela é um importante meio para reforçar os laços identitários de um grupo social ou étnico. Na perspectiva de Michael Pollak (1992), a memória contribui para a construção de uma identidade cultural, sendo parte constituinte do sentimento de identidade individual ou coletiva. Por esse motivo, os museus são uma importante forma de preservar, reforçar e até mesmo de atualizar a memória.

Nesse trabalho, damos ênfase ao processo histórico de criação do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, localizado na Quarta Colônia de Imigração Italiana, região central do Estado do Rio Grande do Sul. O museu em questão é considerado um dos mais completos do Estado, abrangendo desde objetos da lavoura, vestuário, artefatos religiosos, instrumentos musicais e móveis da época. A ideia desse ensaio é discutir algumas noções acerca do patrimônio, evidenciando o museu como espaço da memória entre um determinado grupo, nesse caso, descendentes de imigrantes italianos.

Ao longo do século XX os museus vêm produzindo uma memória pautada no arquivamento, ao mesmo tempo uma patrimonialização da própria memória. Essa ligação entre memória e patrimônio relacionada ao boom da memória como apontou Winter (2006), originou o processo de musealização, onde tudo é preciso guardar e preservar. Nesse sentido, o museu enquanto espaço de reminiscências, busca dar sentido aos eventos passados, constituindo um diálogo entre a memória e a identidade. Sendo assim, o museu é uma importante forma de assegurar a preservação do patrimônio cultural¹, além disso, é atualmente

¹ “O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens



um espaço heterogêneo, de gestos e da própria arte. Nesse âmbito, o museu não pode ser apenas um lugar de lembranças e histórias contadas, mas um espaço social onde se constroem as memórias.

Para François Hartog (2014), as últimas décadas vêm apresentando uma temporalidade diferente da musealização do presente. Hartog cita como exemplo a queda do Muro de Berlim (1989), onde os destroços eram imediatamente guardados como relíquias. As relíquias do muro representariam uma forma de ruptura entre passado e presente, sendo a preservação patrimonial uma forma de não esquecimento do passado. Assim, nossa relação com o passado nas últimas décadas vem se tornado mais presentista do que futurista, em um regime que o passado é constantemente atualizado.

Segundo Catroga, (2011), a herança deixada pelos antepassados é ressignificada pelas gerações presentes, através de um processo de atualização da memória. Portanto, o museu como espaço da memória é a possibilidade de reforçar a identidade das gerações atuais, cabendo ao museu assegurar a preservação do patrimônio cultural.

De acordo com Choay (2011), a noção de patrimônio histórico se revela como um bem de uso fruto de uma comunidade, constituindo um agregado de objetos que se associam por um elo, um passado em comum. A autora ainda ressalta que o patrimônio histórico deve ir além da ideia de um aglomerado de edificações, monumentos, ou uma coleção imóvel de objetos. Assim, se nos séculos XIX e XX o patrimônio ficava restrito aos monumentos oficiais, pensados através de estudos estéticos e históricos, com o passar do tempo o termo passou a ser mais abrangente, compreendendo o que chamamos de patrimônio cultural. Esse novo enquadramento do termo, englobou um conjunto de bens culturais, da cultura material e imaterial, como arquiteturas, festas tradicionais, gastronomia e expressões artísticas.

O patrimônio cultural deve ser compreendido como um resquício da memória individual e coletiva de um povo. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLACK, 1989, p.9). A

representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território. Trata-se de cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros), e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida” (BRAYNER, 2012, p.12).



memória é o que forma a identidade cultural de um grupo através de uma herança que passa de geração para geração.

Pierre Nora (1993) observou que estamos passando por um processo de aceleração da história, que cada vez mais produz um passado morto. Para o autor, os lugares de memória existem por que não há mais meios de memória, ou seja, ela não existe mais. As experiências trazidas pelos lugares de memória se fazem pela necessidade de perpetuar o passado através da memória, assim existe a busca de criar um espaço que reviva a memória.

Se a memória, como observou Nora (1993), sempre estivesse em processo de rememoração, não haveria a necessidade de criar lugares. Sendo assim, o historiador tem a possibilidade de impedir que a história seja somente história, ao permitir que os vestígios do passado se tornem lugares da memória. Para Nora (1993, p.27), “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. A funcionalidade dos lugares de memória é parar o tempo, imortalizar a história, criar mecanismos de reviver o passado e preservá-lo.

Não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. Sendo assim, “a recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências” (ASSMANN, 2011, p. 166).

Para Assmann (2011) os lugares de memória se diferenciam da memória dos locais. Nesse sentido, “[...] enquanto a memória dos locais é fixada em uma posição determinada, da qual ela não se desprende, os lugares [...] da memória se distinguem justamente por se poder transferi-los” (ASSMANN, 2011, p. 332-333). Portanto, podemos pensar o museu não somente como lugar de memória, mas também como local da memória.

Nesse contexto, os museus sobre a imigração estão cada vez mais em voga, à medida que cada vez mais se tem um interesse por parte de diferentes grupos étnicos em preservar sua identidade. Além disso, “vivemos um contexto social no qual a disputa pelo passado e a inscrição de territórios de memória na paisagem – como é o caso dos museus – passa a ser uma das características do presente” (PAIVA, 2014, p.1). Tudo se quer preservar, ao mesmo tempo, tornar memória.



O surgimento dos museus de imigração relaciona-se, assim, não só às necessidades de preservação da memória destes deslocamentos e de seu patrimônio cultural, mas também aos influxos de um ambiente mais amplo. Respeitam às dinâmicas e interesses locais; imbricam-se com os saberes produzidos por historiadores, memorialistas, demógrafos, sociólogos, etc; produzem discursos expositivos que elaboram conhecimentos ao passo que produzem ausências ou *ocultamentos*. A análise destes espaços e seus diferentes recortes temáticos ou especificidades só é possível na medida de sua correlação com questões como: identidade, memória, territórios, patrimônio cultural, turismo, processos de musealização, dentre outros (PAIVA, 2014, p. 3, grifos do autor).

Referindo-se a museologia moderna Vizzotto (2014, p.219), ao trabalhar com a organização do acervo do Museu em Vale Vêneto, diz que as instituições museológicas são “responsáveis pela preservação de objetos culturais, onde promovem pesquisas interdisciplinares sobre os significados simbólicos atribuídos aos objetos de memória de seu acervo”. Nesse sentido, o Museu do Imigrante Italiano tem justamente essa ânsia de preservar bens culturais com o desejo de não esquecer a história dos imigrantes italianos, resguardando a memória e a identidade, que são rastros de uma história vivida.

Em Vale Vêneto, a ideia de criação de um museu surgiu a partir da arrecadação de objetos antigos para comemorar ao Centenário da Imigração Italiana (1975) no estado do Rio Grane do Sul. Havia o desejo de criar um espaço para relembrar e preservar a história dos imigrantes italianos daquele núcleo colonial. Por trás desse plano estava o descendente de imigrantes italianos Eduardo Marcuzzo, que através das inúmeras doações dos habitantes da comunidade interessou-se na criação de um museu. O museu chamou-se inicialmente Padre João Iop, em homenagem ao Superior da Congregação Palotina, que foi vigário na comunidade entre 1913 a 1936 (VIZZOTTO, 2009).

Padre João nasceu no Barracão de Val de Buia, local onde os imigrantes italianos ficavam esperando a demarcação de seus lotes de terra, na Colônia Silveira Martins. O sacerdote iniciou seus estudos eclesiásticos aos 14 anos na Casa paroquial de Vale Vêneto, sendo recebida a ordenação sacerdotal no dia 26 de junho de 1902, aos 24 anos, pelo então Bispo de Porto Alegre, Dom Claudio Ponce de Leão. Durante sua carreira eclesiástica o sacerdote chegou ao posto de Superior do distrito Palotino, cujo berço era Vale Vêneto. (VIZZOTTO, 2014). O museu em sua homenagem foi fundado em 26 de julho 1975 e

inaugurado em 29 de outubro de 1978, em alusão a comemoração do centenário de Vale Vêneto.

Figura 01: Placa alusiva a inauguração do Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop



Fonte: Vizzotto, 2014.

Escrito na placa: Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop. Este museu foi fundado no dia 26 de julho de 1975. Ano do Centenário da Imigração Italiana no Estado. Foi solenemente inaugurado no dia 29 de outubro de 1978, ano do Centenário de Vale Vêneto. DIRETORIA. Eduardo Albino Marcuzzo, Fundador e Diretor. Alverino Pivetta, Vice-Diretor. Laura Stefanel Pivetta, Secretária. Pe. Clementino Marcuzzo, Tesoureiro. Vale Vêneto, 29 de outubro de 1978.

Entre os 2014 e 2016 o museu passou por algumas reformas e um novo regimento. Nesse período, como forma de considerar o esforço de Eduardo Marcuzzo na criação do museu, optou-se a troca de nome, passando o local a chamar-se “Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo”, sendo reinaugurado em 2017. A obra foi gerida pelo Conselho Paroquial da comunidade, onde se reconstituiu a estrutura interna do edifício e manteve-se a fachada externa do prédio original de 1892 (GOMES, 2017).



Figura 02: Identidade Visual do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto.

O museu é dividido em três andares e conta com um acervo de mais de 10 mil peças (VIZZOTTO, 2009), de artefatos alusivos à colonização italiana como: passaportes, moedas em papel e metal, fotografias, documentos, diplomas, recortes de jornais. Além disso, é possível encontrar livros manuscritos como os nomes dos colonizadores e seus respectivos lugares de origem, bem como os dados de todas as famílias que chegaram à comunidade.

No interior do museu podemos encontrar uma série de artefatos doados como objetos e imagens sacras, entre eles: um sacrário de bronze, caldeirinha², ostensório³, âmbula⁴, turíbulo⁵, castiçais⁶, candelabro⁷, todos doados pela condessa inglesa Anna Stackpoole⁸ para a Paróquia Corpus Christis, no final do século XIX, em Vale Vêneto. Esses objetos auxiliavam os padres em seus ritos e pregações e nas distribuições dos sacramentos entre os colonos (VIZZOTTO, 2014).

² Caldeirinha – “pequeno vaso de metal, com alça para água benta” (RÖWER, 1947, p.55).

³ Ostensório – “[...] objeto que serve para expor a hóstia consagrada à adoração aos fiéis e para a bênção eucarística [...]” (VIZZOTTO, 2014, p. 222).

⁴ Âmbula – “[...] cálice maior ou menor, conforme as necessidades, com tampa, para a conservação e distribuição das sagradas hóstias aos fiéis na Santa Comunhão” (RÖWER, 1947, p.23).

⁵ Turíbulo – “[...] vaso de metal ou prata para as incensações litúrgicas” (RÖWER, 1947, p.227).

⁶ Castiçais – “Utensílio que serve de suporte para uma vela” (VIZZOTTO, 2014, p. 223).

⁷ Candelabro – “candleiro maior ou menor, com pé e ramos para a colocação de velas” (RÖWER, 1947, p. 58).

⁸ Geórgia Anna Maria Augusta Stackpoole era ligada ao padre Guilherme Whitmee, Procurador Geral dos palotinos que esteve em Vale Vêneto em 1885, antes da Congregação Palotina se estabelecer na comunidade (BONFADA, 1991).

O acervo também guarda uma grande quantidade de material de cunho religioso doado pela Igreja Católica, possivelmente pelos padres palotinos que atuam na comunidade. Assim, destaca-se uma coleção de vestimentas usadas pelos sacerdotes, como véu umeral⁹, capa pluvial¹⁰, estolas¹¹, alvas¹², casulas¹³, amito¹⁴. De acordo com o evento religioso as cores das roupas variavam, sendo que cada uma possuía um significado (VIZZOTTO, 2014).

Figura 03: Vestimenta usada pelos padres



Fonte: Vizzotto, 2014.

O branco simboliza a paz, o vermelho o amor, a cor verde a esperança, o roxo a penitência, o preto o luto e a cor rosa a alegria (VIZZOTTO, 2014).

A maioria dos imigrantes italianos era em sua maioria católicos. Nesse contexto, a Igreja Católica exercia muita influência entre os italianos, tendo em vista que “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

⁹ Véu Umeral – “O véu é usado na bênção do Santíssimo Sacramento [...]” (INHAM, 2015, p.34).

¹⁰ Capa Pluvial – “Trata-se de uma capa longa, semelhante a um casaco de chuva, sem mangas. O sacerdote o usa em celebrações fora da missa, como em procissões, e também na bênção do Santíssimo Sacramento” (INHAM, 2015, p.35).

¹¹ Estolas – “A estola baseia-se em uma longa faixa seguindo a cor litúrgica. Passa por trás do pescoço do celebrante e solta a frente. É usado acima da tunicela ou alva, e abaixo da casula” (INHAM, 2015, p.29).

¹² Alva – “Compreende-se por uma longa veste branca, mais justa que desce até os pés, que de início era feita de lã. Veste essa, que era habitual entre gregos e romanos no início do cristianismo” (INHAM, 2015, p.27).

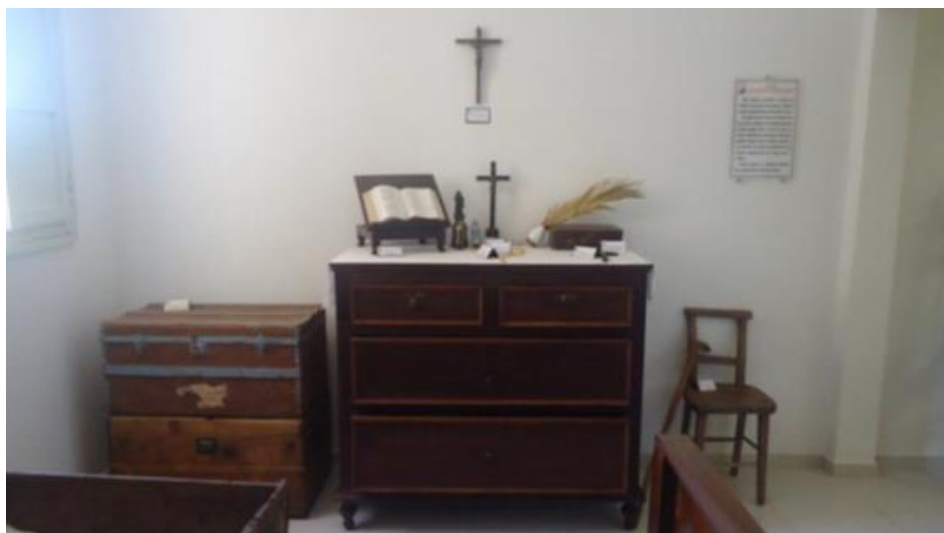
¹³ Casula – “Compreende por um manto semicircular largo que desce abaixo dos joelhos inteiros, em sua maioria, com uma abertura para a cabeça. Sua cor varia com o tempo litúrgico” (INHAM, 2015, p.31).

¹⁴ Amito – “Trata-se de um pedaço de linho quadrado ao qual o sacerdote usa para cobrir o pescoço e os ombros” (INHAM, 2015, p.27).

(BOURDIEU, 1989, p. 7-8). Sendo assim, havia um grande destaque para a figura do padre devido a sua posição ocupada no campo religioso.

Entre outros destaques do museu podemos citar os objetos que representavam a religiosidade dos imigrantes italianos. Um exemplo disso era o quarto do colono, que, em geral, mantinha em cima da cômoda uma série de artefatos religiosos que demonstravam a fé católica dos imigrantes. A Bíblia, o rosário, o crucifixo, os santos, tudo isso, eram elementos de suma importância na vida cotidiana da comunidade.

Figura 04: Artefatos que simbolizavam a religiosidade dos imigrantes italianos



Fonte: Fotografia tirada pelo autor (2017). Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto.

Ao adentrar um museu os objetos adquirem um valor e uma função simbólica, “também as formas de vida, atitudes, ações e experiências estão sujeitas a uma metamorfose parecida, quando saem do contexto, de uma atualidade viva e se tornam recordações” (ASSMANN, 2011, p. 360). Os objetos são ressignificados como bens culturais, ultrapassando a simples nomenclatura de “coisas velhas”.

A memória não desaparece, ela apenas assume novas formas de expressões definidas pela cultura (ASSMANN, 2011). Dessa maneira, ao longo do tempo a memória assume diferentes formatos, o que se inclui a dizer que os processos de memória são vivos. Por isso, os museus são espaços onde a memória está em constante transformação. A memória possui um caráter coletivo e se constitui em um fator de identidade de um grupo. O sentido da



lembrança não é apenas recordar o passado, pois, “na condição de espaço simbólico, o museu acaba fazendo o papel de mediador das diversas memórias sociais” (RODRIGUES; SERRES, 2013, p. 41). O museu enquanto espaço de memória é constituído socialmente através da manifestação coletiva da memória de um determinado grupo que busca preservar sua identidade.

Os museus são espaços onde podemos compreender questões relativas ao patrimônio, à cultura e a memória. Os objetos que compõem esses locais são sempre ressignificados de um modo geral. Dessa maneira, a função do museu não seria apenas preservar a história, mas também de atualizá-la.

O Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo surgiu da necessidade de criar um espaço de memória, através dos resquícios da cultura italiana, que servem como um marco da identidade cultural de um povo. Muito além de um depósito de artefatos dos mais diversos, o referido museu é uma forma de resguardar elementos que possam ser importantes para determinadas pessoas, que veem nesse local, sua própria história ou a história de vida de seus antepassados.

Referências

- AMADOR, M. C. P.. Italianos para o Rio Grande do Sul: um novo conceito de família. In: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo. In: XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007. São Leopoldo/RS. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História.** História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo/RS: ANPUH/ UNISINOS, 2007.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BENEDUZI, Luís Fernando. Sanguinatio Patriae: o luto e a esperança nas narrativas de viagem sobre a imigração italiana. In: XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007. São Leopoldo/RS. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História.** História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo/RS: ANPUH/ UNISINOS, 2007.
- BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul.** 1886 a 1916: fim da Província Americana. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAYNER, N. G. **Patrimônio cultural imaterial:** para saber mais. 3º edição. Brasília: Iphan, 2012. Disponível em: <



http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermis_web.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2018.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**: memória e fim do fim da história. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo. Liberdade & Unesp, 2001.

GOMES, Sione. Vale Vêneto reabre museu que conta a história dos imigrantes. **Diário de Santa Maria**, 2017. Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2017/07/vale-veneto-reabre-museu-que-counta-a-historia-dos-imigrantes-9836253.html>> Acesso em: 25 nov.2017.

INHAM, Paula Estrela Casali. **Religião Católica**: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas. Monografia (Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte). Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP, n.10, p. 07-28, 1993.

PAIVA, Odair da Cruz. Museus e Patrimônio da Imigração. História, Memória e Patrimônio Cultural nos Museus de Imigração no Estado de São Paulo. In: XXII Encontro Estadual de História da ANPUH, 2014. Santos/SP. **Anais do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH**. Santos / SP: ANPUH/UNISANTOS, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol.5, n.10, p. 200-212, 1992.

RÖWER, Frei Basílio. Dicionário Litúrgico. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. **História de fé e trabalho**: bens culturais de Vale Vêneto. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. **Patrimônio histórico cultural religioso de Vale Vêneto**. Monografia (Especialista em Gestão de Arquivos). Programa de Pós-Graduação em Gestão de Arquivos, Universidade Federal de Santa Maria, São João do Polêsine, 2009.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o boom da memória nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Palavra e imagem**: memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006.